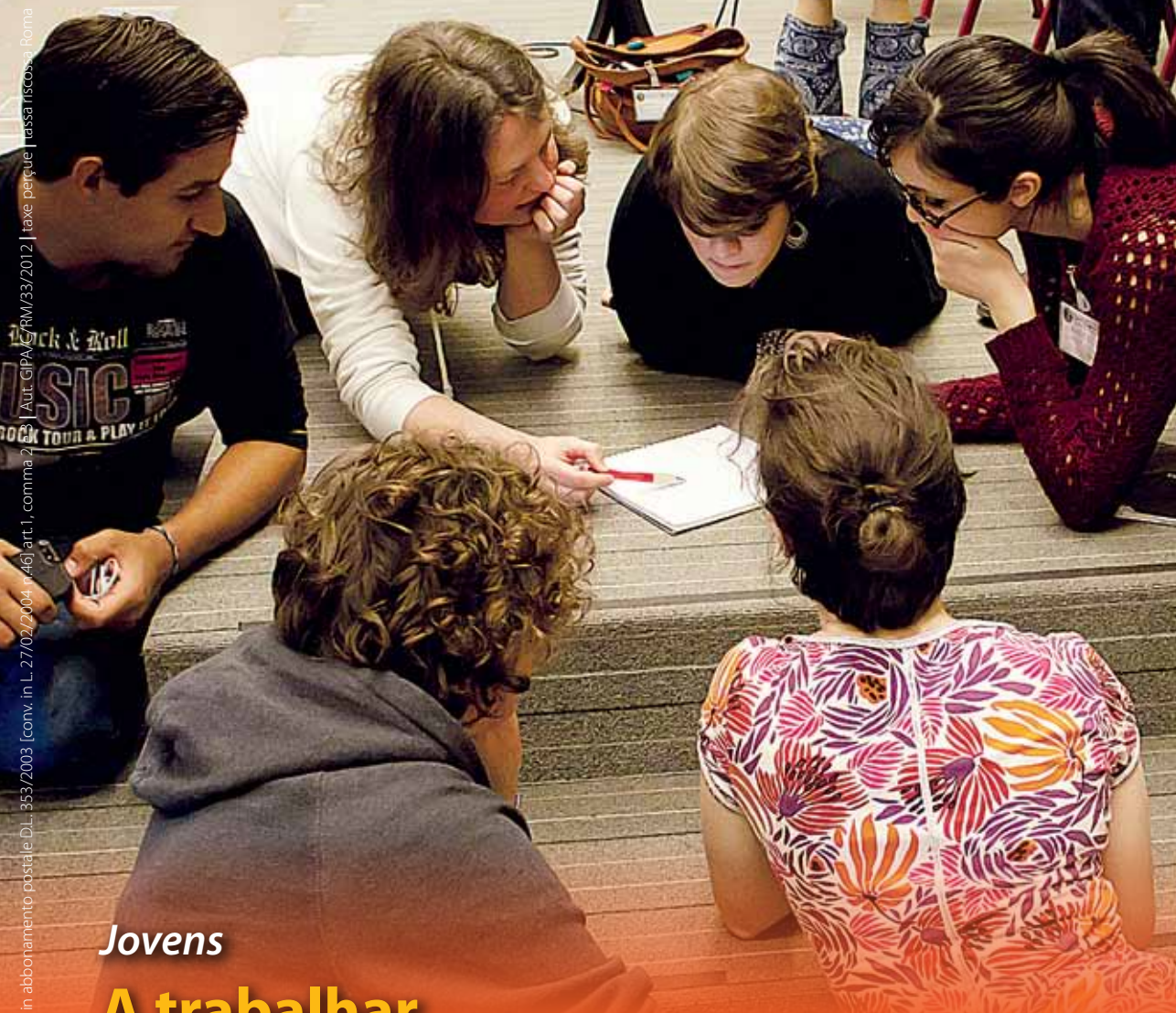


MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2, Legge 30/09/2000 n. 308 | Aut. G.P.A.C. RM/33/2012 | taxa per legge | passapiscos.com



Jovens

**A trabalhar
por um
mundo
unido**

**Dois Papas
santos**

Uma leitura
com os escritos
de Chiara

**Cidadela
Victoria**

Olhar juntos
para os «desafios»
da África

Santidade de POVO

Caríssimas e caríssimos,

Hoje, gostaria de partilhar convosco uma experiência, e dizer um meu pensamento que já comuniquei a algumas pessoas.

Trata-se da nossa atitude em relação à santidade.

A Madre Teresa de Calcutá, diversas vezes, ao escrever-me, repetiu a frase: «Seja santa, porque Deus é santo».

Claro que não foi esta grande santa que determinou uma oração, que já faço há muito tempo. Mas, sem dúvida, com esta frase, ela colocou mais fogo na fogueira.

Há anos, aliás há muitos anos que, no meu coração, Alguém me impulsionou a dirigir a Jesus estas palavras: «Faz-me santa para dar uma prenda a Maria».

De facto, parecia-me que, se eu não alcançasse a meta da santidade, faltaria alguma coisa ao meu serviço à Obra: a possibilidade de oferecer não apenas os cuidados que, com a graça de Deus, posso ter para com ela, mas um modelo, um testemunho realizado da sua espiritualidade.

Desde os inícios do Movimento, como sabemos, nunca compreendemos a busca da santidade por si mes-



São Paulo (Brasil), 30 de abril de 1998

ma. Poderia representar até um modo de olhar para si próprio.

Mas, procurá-la por amor, era uma coisa diferente. Por isso dizíamos: «Para dar uma prenda a Maria». E porquê «a Maria»?

Porque é a nossa mãe, o nosso modelo, a nossa rainha, Aquela que nos conduz. E «a Maria», também, simplesmente, porque nós a amamos.

Mais recentemente, estando cons-

ciente de que o nosso caminho é coletivo e requer a atuação perfeita do amor aos outros como a nós mesmos, ficou claro para mim que, para poder ser santa, deveria desejar aquela meta para os meus próximos como para mim. Assim, a minha oração foi-se transformando: «Jesus, faz-nos santos para darmos uma prenda a Maria e sermos um modelo para muitos».

Esta nova oração, comunicada aqui, no Centro da nossa Obra, deu uma grande alegria a muitos, e juntos, para fazer a nossa parte, comprometemo-nos em viver a fórmula dos 6 «s» já conhecida (em italiano: sarò santa se sono santa subito): «serei santa se for santa já».

Mas em que ponto está o nosso Movimento, em relação à santidade?

Parece-nos poder dizer que, com a graça de Deus, por ter vivido o carisma da unidade, devem existir muitos pequenos ou menos pequenos santos entre os nossos no Paraíso. Não hesitamos em pensar em dezenas e dezenas e talvez ainda mais. Constatamos, de facto, de que maneira muitos dos nossos partem desta Terra e sabe-se que, em geral, a morte é o espelho da vida.

Todavia, no nosso Movimento, raramente pensámos em apresentar à Igreja estas criaturas para que, se ela achasse oportuno, fizesse uma avaliação. Agora está-se a preparar alguma coisa em relação a Igino Giordani, o nosso Foco, e a D. Klaus Hemmerle. Mas... é só isso.

Em geral é a própria Igreja que começa a interessar-se por este assunto, através dos seus pastores. Atualmente

estão a pensar começar um processo de canonização de três jovens: uma das quais foi morta muito jovem para salvar a sua pureza.

Mas será que nós agimos corretamente, como Movimento, em não termos feito nada para isto?

A justificação para esta nossa aparente omissão talvez seja agora mais clara: o Senhor não nos pede uma santidade individual, mas comunitária, onde cada um deve ajudar o seu próximo a ser santo. E este, em cadeia, ao seu próximo, e assim por diante.

É este tipo de santidade que deveria ser eventualmente verificada e posta em evidência para a edificação de muitos na Igreja: uma santidade coletiva, uma santidade de povo.

Isto é maravilhoso, não acham?

Que o Céu o realize.

Entretanto, empenhemo-nos pessoalmente com a máxima decisão, desde já, com os 6 «s», e ajudemos os outros a fazerem o mesmo.

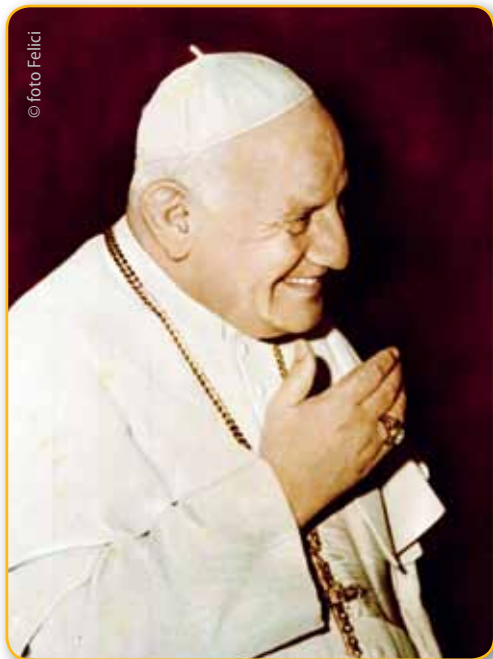
Que o Espírito Santo, que nos demonstrou tanta predileção, realize a sua obra e faça nascer realmente um povo de santos, também por amor a Maria, a sua Esposa.

(Se a fórmula «serei santa se for santa já» for muito longa, basta dizer: «santo já», «santa já», «santos já».)

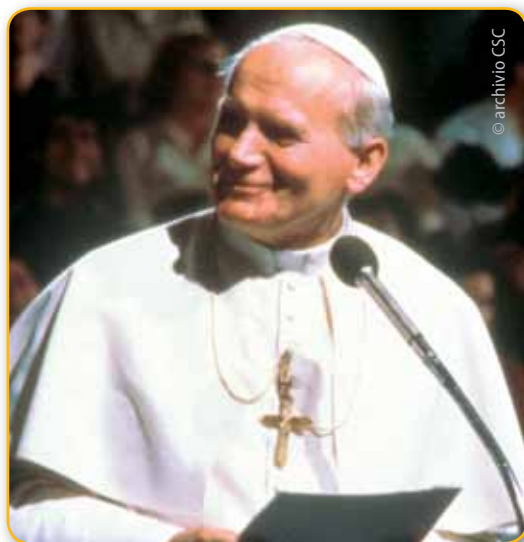
Da Conferência telefónica, Mollens, 27 de agosto de 1998, publicado em *Costruendo il «castello esteriore»*, Città Nuova, Roma, marzo 2002

Aprofundamento

Dois Papas santos



Por ocasião da canonização de João XXIII e João Paulo II, publicamos trechos de dois artigos de Chiara sobre eles na *Città Nuova*: em 1958, logo após a eleição do papa Roncalli, e em 2005, quando o papa Wojtyła nos deixou. Dois artigos publicados, juntamente com outros, no livro *Attualità*, editado no ano passado pela *Città Nuova*.



João XXIII

Quando Pio XII faleceu, parecia-nos que uma cortina de nevoeiro tivesse descido sobre a Terra. E a palavra “órfã” era a que melhor explicava o estado de espírito da cristandade. Pio XII era o nosso Pai. [...]

Depois, vieram os dias inesquecíveis dos fumos e das eleições. E também nós, misturados na multidão, vimos o lugar que a Igreja ocupa no coração do povo! Porque o povo tem uma voz própria. E, nestas duas semanas, esta voz fez-se ouvir com força. Era uma voz sem palavras, mas potente, que amalgamava num só coração centenas de milhares de pessoas reunidas em São Pedro, sem um chefe, sem nem ao menos ter um microfone ordenador. [...]

Finalmente ouvimos o *habemus Papam* e o nome tão esperado: Roncalli.

E aconteceu o fenómeno. Em um, dois, três dias, tudo mudou na Igreja de Cristo. Não se percebia porquê, mas aquele nome, aquele papa, inundou de alegria a grande maioria de pessoas de todos os tipos. Queremos dizer que, se da morte de Pio XII brotou um pranto universal, a eleição de João XXIII provocou uma explosão de alegria universal.

E claro que Roncalli já estava presente antes. Estava na lista dos eminentíssimos cardeais. Porque não nos tínhamos apercebido que tínhamos um tesouro como este? A resposta é esta: antes, Roncalli não era papa. Agora é. E o

Espírito Santo, que o investiu para esta altíssima tarefa, foi também desta maneira o ótimo consolador universal. É o Espírito Santo que ilumina aqueles dotes, aqueles aspetos da sua humanidade, aquela nova figura branca, por isso agora – além do facto de já não sabermos o que significa para nós sentir-nos “órfãos” – dizemos: «Precisávamos mesmo dele. É ele que tem as qualidades do doce Cristo na Terra. Hoje o mundo precisava dele». [...]

Em João XXIII está presente Jesus com o coração aberto, cheio de amor, que diz aos seus discípulos: «Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros».

Mas, como o amor não é amor se não for forte, apresenta-se nele a facilidade de ir ao concreto e ao imediato: *Coepit facere et docere*. É o papa capaz de fazer da Igreja uma família, com uma dimensão universal da humanidade e com um amor particular por cada um. Em João XXIII vêem-se dotes tão excelsos de humildade, de simplicidade, que podem incomodar várias pessoas, aquelas que vivem no engano do supérfluo ou da forma, ou na vanglória de uma ciência que pouco serve à vida. [...]

Só temos o Papa João XXIII há poucos dias, mas com todo o coração queremos dizer-lhe: «Deus deu-te a nós. Nós prometemos-te fidelidade e amor como ao próprio Cristo. Usanos como só tu sabes, tu, único no mundo que podes e sabes governar a Igreja, o Corpo de Cristo». [Città Nuova n.22/1958, p.2]

João Paulo II

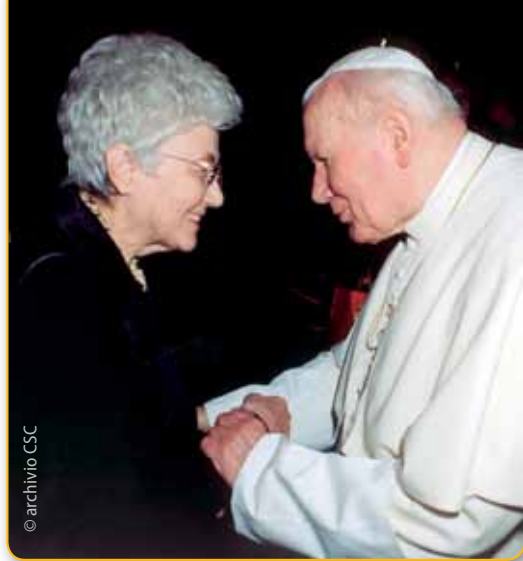
A sua santidade. Também eu a posso testemunhar. Muitas vezes, depois de uma audiência com ele, tive a impressão de que o céu se abrisse. Senti-me diretamente ligada a Deus, numa profunda união com Ele, sem intermediários. É porque o papa é mediador, mas depois de nos unir a Deus, desaparece. [...] Este papa comunicava Deus e ele «renova todas as coisas». Uma “presença” cada vez mais forte, na medida em que mais grave foi

o sofrimento que assumiu até à última hora.

Mas neste momento não posso deixar de exprimir a minha gratidão mais profunda por muitas outras portas abertas por aquelas chaves: o papa sempre escancarou as portas para as novidades do Espírito, que reconheceu também no nosso Movimento, dando o seu contínuo encorajamento e apoio, reconhecendo-o como um dom de Deus e uma esperança para os homens.

[...] A história do Movimento dos Focolares foi, nestes últimos 27 anos, uma prova do “algo mais” de amor que havia no coração de João Paulo II. Este seu “algo mais” de amor atraiu o nosso, por isso o papa entrou no mais profundo do coração de cada membro do Movimento. Por isso, não se pode dizer





com palavras simplesmente humanas quem foi ele para nós. Voltam à lembrança muitas recordações ligadas às audiências privadas que me concedeu, muitas vezes durante convites a almoçar na sua casa; a sua presença nas nossas manifestações públicas; as suas cartas pessoais cheias de afeto caloroso, e os telefonemas especiais através dos quais, nos últimos anos, no dia de santa Clara, e este ano também no meu aniversário, ele quis dar-me os parabéns. Foram momentos que ficaram como pedras fundamentais na história do nosso Movimento.

Agora, no momento da partida do Santo Padre, ficamos maravilhados e com o coração agradecido diante de tanto amor e, ao mesmo tempo, estamos gratos a Deus por termos podido estar ao seu lado e ajudá-lo, como filhos e “irmã”, como ele mesmo me chamou numa sua última carta.

Poucos dias depois da sua eleição, ele quis conhecer-me e convidou-me para assistir à missa por ele celebrada na capela privada. Naquela ocasião, através de um mapa que lhe apresentei, deu-se conta da difusão do nosso Movimento. Nos anos seguintes, veio a conhecer, com grande alegria, em todas as partes do mundo onde fez as suas viagens, o nosso «povo focolarino», como o chamava. E disse-nos muitas vezes que a nossa presença

era um conforto e um apoio para ele, nas suas viagens apostólicas.

Uma data inesquecível, que permanece entre as mais belas da nossa história, é o dia 19 de agosto de 1984, dia da sua visita ao nosso Centro internacional, em Rocca di Papa. Naquela ocasião, ele não só individualizou no amor «a centelha inspiradora de tudo aquilo que se faz com o nome de «focolar», como também expressou aquilo que nós não ousávamos dizer, afirmando que entrevia no nosso Movimento «a mesma fisionomia da Igreja, assim como se tinha autodefinido no Concílio Vaticano II».

Um outro episódio muito significativo foi o do dia 23 de setembro de 1985, quando, ainda na porta, depois de uma audiência, olhando para o futuro, arrisquei perguntar-lhe: «Considera possível que o presidente do Movimento dos Focolares, desta Obra que é de Maria, seja sempre uma mulher?». «Sim – respondeu –, oxalá!». E foi das suas palavras, que motivavam aquele “sim”, que vi abrir-se, pela primeira vez, aquela nova consciência da Igreja nas suas duas dimensões: aquela petrina e aquela mariana. [...]

Sim, podemos estar orgulhosos e gratos ao Espírito Santo por nos ter dado durante longos anos um papa como João Paulo II e temos a certeza que a Igreja depressa o elevará aos altares.

Correu o mundo a notícia de que, ao acordar depois da operação da traqueotomia, o Santo Padre tinha escrito numa folha «Eu sou sempre *totus tuus!*». Este lema *Totus tuus* foi a sua verdade vivida, aquela verdade que conferiu um inconfundível modelo mariano e que o fez tão grande e tão delicadamente humano, tão alto e ao mesmo tempo tão homem de todos, autêntico “servo dos servos de Deus”. [*Città Nuova* n. 7/2005, pp. 10-12]

Chiara Lubich

(Extraído de *Attualità*, ao cuidado de Michele Zanzucchi, ed. Città Nuova, Roma, pág. 21-23; 126-131)

Rumo à Assembleia

Dimensão Obra

Foram realizadas as assembleias zonais, das Cidades e dos Centros.
Pela primeira vez, os gen participam com direito à palavra e a voto.



Chegaram os resultados das várias Assembleias zonais, daquelas feitas nas Cidades e nos nossos Centros. Destaca-se em todas uma altíssima participação. Alguns, por motivos de saúde, não puderam intervir pessoalmente, mas manifestaram a sua participação de modo diferente e o seu pensamento.

Uma novidade: é a primeira vez na história das Assembleias gerais da Obra que nos Centros gen2 foram eleitos, para os representar, algumas gen e alguns gen, que vão participar com direito à palavra e ao voto. Para eles é uma oportunidade muito significativa. Transcrevemos algumas impressões que escreveram, acompanhando os seus dados de identificação.

«Em relação à Assembleia parece-me já poder dizer “sentimos”, mais do que “sinto”, uma vez que trabalhamos como um único corpo. Claro que é um serviço para amar o Movimento gen e a Obra inteira. É bom e interessante poder dar este passo juntamente com toda a família da Obra. A Assembleia parece-me mais uma desculpa para colocar Jesus no meio e deixar-nos trabalhar por Ele». [Itália]

«Depois de um ano no Centro gen sin-

to muito forte o que significa “ser Obra”. Gostaria que todos conseguíssemos chegar à Assembleia neste espírito de homens-Obra. Se penso naquilo que queremos fazer, dou-me conta que não existem experiências no mundo deste tipo. Por isso, sinto que pode ser um evento extraordinário, não só para nós, mas para a humanidade». [Argentina]

«A Assembleia é uma novidade para mim e uma grande surpresa. Estou muito contente por poder participar e viver como gen este momento com toda a Obra. Sinto a responsabilidade de fazer as coisas com Jesus no meio e assim representar todos os gen do mundo. A Assembleia para mim é um desafio para estar sempre na Sua vontade, viver o outro, de modo que os outros gen possam sentir-se presentes na Assembleia através de nós». [Eslováquia]

«Por causa da Assembleia, sinto que devo viver para os outros para perceber aquilo que Deus quer de nós. Sinto que é uma coisa muito grande para mim, mas que devo deixar-me conduzir como um instrumento Seu e que seja feita a Sua vontade sobre a Obra. Não estando no Centro neste momento, sinto também que todos os dias devo oferecer a minha oração pela Assembleia». [Burundi]

«Com os preparativos para a Assembleia, descobri pouco a pouco que tudo é um caminho lado a lado, no espírito de discernimento coletivo. Refere-se ao que Deus realizou entre nós nos anos passados». [Filipinas]

Muitos elos de unidade

A Cidadela El Diamante recebe as Assembleias da nova Zona da América Latina I



No dia 28 de março, a Cidadela El Diamante, vestida de gala, viu chegar os hóspedes tão esperados. «Finalmente chegou a hora de nos encontrarmos, de todas as nações da nova Zona, da América Latina I – explica Gustavo Alvarado – [...] Ainda não sabemos que nome vamos escolher para esta zona, mas aquilo que sabemos é que queremos ser um». Para alguns era um regresso depois de muitos anos, para outros uma novidade, mas para todos a sensação era a de «estar em casa».

Ao apresentar o programa dos três dias de comunhão, retiro e votação dos representantes (para a Obra e para a secção), Delia Pairetti e Gustavo Alvarado apresentaram a nova Zona não como a junção de três partes, mas como uma realidade que apela a uma comunhão mais ampla. «Não é uma nova estrutura que somos chamados a construir, mas a suscitar uma comunhão de alma que abraça a todos. Para que, assim, sejam muitos aqueles que difundem a mensagem do Evangelho».

Com a introdução feita por Imelda Bronzino e Giuseppe (Regno) Righetti, mergulhámos na meditação de respostas e pensamentos sobre a «herança de Chiara»: quando dizia que não ficaríamos órfãos porque o Espírito Santo faria recordar tudo aquilo que ela nos tinha dado; que a Obra iria em frente segura se estivesse nas mãos de Jesus no meio, e que, portanto, não havia motivo para se preocupar com o futuro; porque é

Ele (Jesus no meio) que faz a Obra e a nossa parte é a da fidelidade a Jesus Abandonado.

Assembleia de zona

Para iluminar os relacionamentos entre as comunidades dos vários países, enormemente favorecidos pela língua comum, foi importante reconhecer-se componentes de uma rede tecida por todos, como elos de unidade. É importante saber que é a vida que conta, antes de tudo. Refletir sobre projetos locais a serem construídos por etapas. Promover sinergias que mobilizem os vários talentos espalhados na Zona. Proceder com o «pensamento» de Jesus no meio.

A comunhão que se seguiu, abundante, variada, enriquecedora, deixou em todos o sabor da família e da estima pelos dons de cada um. Fez-nos reconhecer como povos irmãos, para além dos preconceitos que dividem e das diferenças culturais ou sociais. E ainda suscitou pareceres sobre o Conselho de Zona ou de Zonetta, a interação entre os gen e a colaboração entre os especialistas dos movimentos de massa. Foram espaços de formação, com o contributo de todos.

A partir da perspectiva da unidade, queremos construir a realidade da comunhão da nova Zona e chegámos ao momento das votações dos representantes para as Assembleias Centrais, femininas e masculinas, para a Obra e para a Secção. O clima foi familiar e solene, ao mesmo tempo, conscientes de um ato responsável e difícil.

Na conclusão vimos juntos que, um denominador comum a todos, é o espírito de colaboração, aberto e criativo para nos estreitar numa comunhão afetiva e efetiva ao serviço das nossas comunidades.

Uma *newsletter*, já testada em pequena escala, fará circular as notícias entre todos.

ao cuidado da redação

Viagem ao Brasil

O Carisma em ação



© Paulo Wang CSC x 2



Concluiu-se a viagem da Emmaus e do Giancarlo ao Brasil. Um mês rico de surpresas do Espírito Santo: a vida, os frutos, os desafios.

«Tenho a impressão que vai ser uma viagem cheia de surpresas e que aquilo que vai acontecer no Brasil não será só para este país, mas para o mundo». Foram as palavras ditas pela Emmaus à equipe do *Collegamento CH*, há dois meses, em vista da conferência internet que seria realizada no Brasil.

Na conclusão da viagem, podemos dizer que aquela previsão se tornou realidade! Um desígnio de unidade compôs-se nas várias etapas desta viagem e agora constata-se no seu todo. Houve quem falasse de uma «unidade com sabor carismático». Mais de um, comovido, disse: «Chiara não pôde estar no Ibirapuera em '98, mas veio agora». «O período carismático não terminou! Vimos o Carisma em ação!».

O pano de fundo foi um Brasil que está adquirir uma posição estratégica a nível internacional, um país rico de humanidade, alegria, ritmo, música, generosidade, inteligência, belezas naturais, culturas diferentes fundidas num

único povo. Mas também um país atravessado por grandes contradições: reivindicações das populações indígenas, racismo mascarado que atinge até hoje os afrodescendentes, grave desnível económico e social, que gera violência, dá espaço à droga e à morte, fenómenos que atingem sobretudo jovens e adolescentes. Uma presença superlativa de Jesus Abandonado.

O desafio social Desde a chegada de Ginetta Calliari, Marco Tecilla, Lia Brunet e dos outros focolarinos, o impacto com o problema social foi forte. Chiara, já no fim dos anos '60, tinha profeticamente vislumbrado a resposta

Foto. In alto, l'incontro con gli interni del Centro Sud a San Paolo. A destra, con i giovani alla Cittadella Gloria, in Amazonia.



© Caris Mendes CSC

que o Carisma poderia dar para compor em unidade as grandes diferenças e riquezas culturais deste país e de toda a América Latina, para depois as oferecer ao mundo.

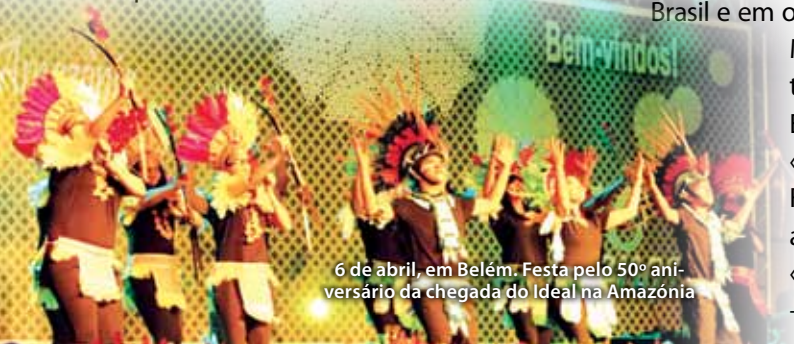
Nestes anos, fez-se muito. A presença de Jesus no meio, tão especial destes dias, suscitou uma nova tomada de consciência, fez florescer plenamente aquilo que foi construído no tempo, apesar das dificuldades passadas e presentes.

Economia de comunhão, Polos empresariais das Mariápolis Ginetta e Santa Maria do Nordeste. Para uma novo «lançamento», uma luminosa solução: um «algo mais» de comunhão, evidenciado pela



19 de abril, no Jardim Margarida. Mariápolis Ginetta

Emmaus, a todos os níveis, numa partilha que envolva toda a Obra e não deixe o peso deste encargo a um só grupo de pessoas, os empresários. É uma nova consciência. Giancarlo fala de profecia. Repetiu isso em várias ocasiões: «O profeta leva uma realidade nova da parte de Deus, mas atravessa o deserto das dificuldades. Isto enche esta experiência de sacralidade».



6 de abril, em Belém. Festa pelo 50º aniversário da chegada do Ideal na Amazônia

Obras sociais. Em cada etapa, a Emmaus e o Giancarlo deram precedência à visita a algumas das várias iniciativas sociais que, há décadas, se desenvolvem nas várias regiões do Brasil e que são inspiradas no Carisma. Como a «Mission Belem», que recolhe os “sem-abrigo”, vítimas da



25 de março, "Cátedra Chiara Lubich", na Universidade católica de Pernambuco

droga e da prostituição. Foram surpreendentes os encontros em Recife com dois jovens, ex gen, fundadores de uma nova comunidade, e em Fortaleza, no CEU, o Condomínio Espiritual onde convivem 22 comunidades antigas e novas. Impressionante a visita a Guarantiguetá, no Estado de São Paulo, à Fazenda da Esperança. Foi comum o pedido à Emmaus e ao Giancarlo, para que estas obras continuem a ser alimentadas pelo Movimento. Em cada encontro, uma maior comunhão. A Emmaus exprimiua com uma imagem: o carisma da unidade parece ser a raiz de uma árvore com muitos ramos, muitos frutos, que está inserida, pelo amor recíproco, num único desígnio: a atuação do sonho de Jesus: «que todos sejam um».

O convite à comunhão. Houve ainda um encontro - com estas comunidades e as organizações sociais do Movimento, nascidas no Brasil e em outros países da América Latina - na Mariápolis Ginetta, que teve o total reconhecimento, por parte da Emmaus e do Giancarlo, de ser «plenamente conforme o Carisma». Foi pedido um novo passo a toda a Obra. O Giancarlo falou de zelosa «inquietação» – repetiu várias vezes – exatamente o contrário da acomo-

dação numa vida tranquila e serena, que não se deixa interpelar pelas necessidades dos irmãos. Questionou o relacionamento entre as obras sociais e as comunidades do Movimento. Cada um tem a sua estrada? Mais uma vez, a palavra-chave foi «comunhão».

No encontro com os focolarinos, a Emmaus convidou a fazerem um exame de consciência, quando os pobres nos consideram ricos: «Lso grita a vingança diante de Deus, porque vai contra a igualdade social que Deus quer entre os irmãos». «Se soubermos olhar para as necessidades dos outros, redimensionamos as nossas pseudonecessidades, estamos mais atentos ao modo como usamos as coisas que Deus nos dá e



11 e 12 de abril, o encontroEdC na Mariápolis Ginetta

colocamo-las à disposição dos outros», afirmou. O convite repetido diversas vezes, que envolve toda a Obra, é o de alargar o coração com um amor maior.

A Emmaus, contudo, chamou a atenção para o exclusivismo que gera contraposição. E alargou o olhar para a multiplicidade de respostas que fazem da Obra um mosaico com muitas pedras, cada uma indispensável, para compor o desígnio da unidade na diversidade.

Constatou-se esta vida no encontro dos Bispos que partilham a espiritualidade da unidade: quantas experiências de comunhão, vividas por eles nos órgãos eclesiais, nas suas dioceses! Também partiram com nova energia os muitos empenhados no campo político, que fazem da fraternidade a lei fundamental do próprio empenho, de modo que seja um autêntico serviço ao bem comum.



29 de março, com o "povo" do Nordeste, em Recife

O mosaico da Obra foi evidenciado em toda a sua beleza e variedade de culturas, de experiências imersas nas problemáticas mais urgentes, sobretudo nos três grandes encontros com os internos do Nordeste, Norte e Centro Sul do Brasil. Afrodescendentes, ainda quotidianamente feridos pelos preconceitos raciais, são sanados pelo Ideal e por uma família sobrenatural que os acolhe. Onde as antigas civilizações de índios reclamam os seus direitos, há quem não fica indiferente e se faz aliado com a força do Evangelho. E podia-se continuar. Até à explosão final, no encontro dos mais de 3 mil membros da Obra, presentes em São Paulo, concluído com uma tarde rica de criatividade, abertura e diálogo imediato e profundo com os jovens.

As palavras finais. Giancarlo: «*Obrigado pela presença de Deus que acompanhou esta viagem, que explode precisamente nestes dias da Páscoa. É uma experiência extraordinária que continua e que marca um novo início*».

E a Emmaus: «*Comovi-me com a música dedicada a Nossa Senhora Aparecida! Fui ao seu Santuário e confiei a ela toda a Obra. Tive a impressão de que esta música foi a sua resposta: "Eu cuido da Obra. A Obra de Maria é a minha Obra". Os meus votos são que esta sua Obra seja toda feita de "bordados de luz". O fio deste bordado está nas Suas mãos, podemos prosseguir seguros. Desejo a todos que sejam imitação dela sobre esta Terra, como Chiara nos ensinou*».

Carla Cotignoli

Em Mariapoli online o artigo especial com as várias etapas da viagem da Emmaus e do Giancarlo ao Brasil: www.focolare.org/notiziariomariapoli

O 60º aniversário de sacerdócio do padre Foresi

Quando a luz se encarna

Por ocasião do 60º aniversário de sacerdócio do padre Pasquale Foresi vai ser publicado pela *Città Nuova* um texto com a sua reflexão filosófica e teológica.

Um instrumento de formação à espiritualidade da unidade

«Os dons carismáticos que Deus, de tempos a tempos, concede ao seu povo e que muitas vezes se exprimem em novas espiritualidades, - como luz sobre os conteúdos da Revelação para uma sua vivência mais profunda, - estão sempre ligados a circunstâncias e a pessoas concretas, que funcionam como mediadores desses dons, ao serviço da Igreja e de toda a humanidade. No caso dos fundadores de grandes movimentos espirituais, constata-se que muitas vezes, no seu desígnio de

de relevo que foram fundamentais para que aquele dom se pudesse manifestar plenamente.

Uma destas figuras é Pasquale Foresi, o primeiro focolarino sacerdote da Obra de Maria e o primeiro Co-presidente. Personalidade riquíssima na qual Chiara Lubich sempre reconheceu um “desígnio” especial na Obra que nascia, o da encarnação, isto é, a função de materializar em obras concretas as intuições e moções que o Espírito Santo ia suscitando nela. Foi assim que, na história do Movimento dos Focolares, graças a esta única e sob muitos aspetos paradigmática unidade entre Chiara Lubich e Pasquale Foresi, se concretizaram dimensões fundamentais do carisma da unidade, no campo do pensamento e da cultura, no campo da sua configuração jurídica, das suas estruturas de formação, da sua atividade de difusão e editorial e outras. Se o encontro com Iginio Giordani deu início, para além da abertura completa



do Movimento à humanidade, àquela experiência de luz que conhecemos como o Paraíso de '49, o encontro com o padre Foresi fez com que aquelas iluminações encontrassem as estruturas adequadas e os instrumentos apropriados de mediação e encarnação. [...] O padre Foresi é modelo de todos os membros da Obra de Maria que, de certa maneira, devem criar em si a função que devem desempenhar: con-

amor, Deus põe ao lado dos depositários originários do carisma, outras pessoas que realizam uma função importantíssima no que diz respeito à configuração histórica. A história do carisma da unidade não foge a esta dinâmica humano-divina. De facto, ao lado de Chiara Lubich, para além das suas primeiras companheiras e dos seus primeiros companheiros, encontramos, já nos anos do início da fundação, outras figuras

cretizar, ser mediadores e encarnar, segundo a própria vocação, a luz do carisma da unidade».

Foi assim que a Maria Voce explicou a função fundamental realizada por Chiarretto, na história do Movimento dos Focolares. O texto aqui transcrito é um extrato da apresentação que a Emmaus escreveu

para o livro *Luz que se encarna, comentário aos 12 pontos da espiritualidade da unidade*, a sair em breve nos títulos da editora *Città Nuova*. É uma homenagem editorial que o Grupo editorial *Città Nuova* e o Centro da Obra dedicam ao padre Foresi, para festejar uma meta importante: os seus sessenta anos de ordenação sacerdotal: 1954 - 2014.

O livro reúne textos que abordam os doze pontos da espiritualidade da unidade. Textos muito diferentes: alguns são verdadeiros temas, bem pensados e estruturados como tais; outros são conversações a focolarinos, famílias, sacerdotes... durante congressos, encontros ou escolas internacionais. Todos eles, como explica Giuseppe Maria Zanghì na introdução ao volume, põem em evidência

uma característica típica do padre Foresi: «a vida enraizada na sabedoria; a sabedoria sempre em vista a fazer-se razão», de tal maneira que assumiu um papel fundamental no nascimento e na história dos estudos sobre a espiritualidade da unidade, experiência que anteciparia a sucessiva Escola Aba.



Loppiano, 2 de fevereiro de 2010

São reflexões que se sucedem como pérolas preciosas, pela capacidade de evidenciar a riqueza da nossa espiritualidade. Que nos acompanham na descoberta dos seus muitos, muitíssimos tesouros, de caráter intelectual, espiritual e vital. Nelas vê-se o desígnio de uma Obra de Deus, nascida para dar resposta às duas grandes interrogações do homem, de hoje e de sempre, às quais, no passado, tentaram dar resposta as religiões e filosofias: o relacionamento com Deus e com o próximo e o problema do sofrimento. Destas duas interrogações, como evidência o padre Foresi nestes textos, brota uma nova cultura e um novo pensamento, que constituem uma resposta de amor contínuo de Deus às necessidades da humanidade. Página após página encontramos as etapas que assinalaram a história do Movimento com as suas dificuldades e as suas luzes.

Um livro que é, ao mesmo tempo, um «resumo» da reflexão filosófica e teológica do padre Foresi e um texto de formação à espiritualidade da unidade. Um instrumento de meditação sobre os pilares fundamentais do nosso Ideal.

Elena Cardinali



Jovens por um mundo unido

Entre o local e o global



© Papp Gabor x3

Projeção, concretização, continuidade.
Os animadores dos Jovens por um mundo unido fazem o ponto da situação

Não é fácil arranjar um fim-de-semana livre e vir a Castel Gandolfo, atendendo à preparação em curso para a Semana Mundo Unido. Está também próxima a partida para Nairobi, para o esperado espaço de reciprocidade «Sharing with Africa». O encontro dos animadores está marcado para fins de março: dias luminosos de família e de construção de novos relacionamentos.

«Uma cidade não basta» deu o "lá" ao encontro (de 28 a 30 de março) onde se aprofundou o empenho dos jovens entre o local e o global. Como pode hoje um jovem empenhar-se no local onde vive, mantendo uma visão universal? A própria Chiara responde e as muitas experiências partilhadas dão testemunho disso.



Nos dias de hoje é praticamente um milagre que um jovem consiga pôr de lado as brilhantes ofertas quotidianas para se apaixonar pelo «não lindo» que nos rodeia nas pessoas doentes, pobres, sozinhas, drogadas... Mas esses jovens existem!

Mais do que um encontro, tratou-se de um laboratório: com Paula Luengo e Serena Scott, especialistas em psicologia social, trabalhou-se sobre os instrumentos necessários para formar um grupo e fazê-lo avançar nas suas várias dinâmicas. Com Lucia D'Auria entrámos na fase de descrição e realização de um projeto. Foi muito apreciada a profissionalidade delas que, ao serviço da fraternidade, se torna fascinante.

E a continuidade, a que ponto está? É útil um *workshop* sobre este aspeto, para aprender a desenvolver os objetivos previstos, com regularidade.

Dedicaram uma tarde ao objetivo deste ano: construir pontes entre o continente africano e o resto do mundo, através do «Sharing With Africa». A entrevista a Deogratias Kasujja e à Maria Magnolfi, que aborda a temática da inculturação, ajudou-nos a preparar a experiência que vamos viver depois em Nairobi, entre o fim de abril e os primeiros dias de maio,



Possíveis
focolarinas e focolarinos

«Sem meias medidas»

**Em Loppiano, 150 jovens
de diferentes nacionalidades
aprofundaram a vocação do focolar**

e que se vai centrar na permuta e partilha dos valores típicos das culturas africanas, onde o indivíduo é sempre parte do todo. É o conceito de «ubuntu», onde o valor e a realização da pessoa se definem pelos seus relacionamentos com os outros.

Com o Gen Rosso viajámos pelas ilhas Filipinas, meta da última tournée deles, descobrindo a arte como caminho para construir um Mundo Unido.

Foram também entusiasmantes os trabalhos de grupo para formular as propostas para a próxima Assembleia.

Trechos de Chiara - quando foi visitar o continente africano, no genfest, nas Nações Unidas - fazem-nos vislumbrar aqueles sinais dos tempos que indicam o lento, mas contínuo, caminho da humanidade para a fraternidade universal, que queremos pôr em evidência.

É a ambiciosa função do United World Project, do qual se fez o ponto da situação: no dia 1 de maio, na abertura da Semana para o Mundo Unido 2014, na direta mundial, será lançado o mapa-mundo da fraternidade, realizado depois da recolha de mais de 800 fragmentos de fraternidade.

Maria Guaita, Andrew Camilleri

Na última semana de março, Loppiano acolheu cerca de 150 jovens, raparigas e rapazes, desejosos de conhecer e aprofundar a realidade do focolar. A primeira parte foi dedicada aos que já estão decididos por esta «estrada». A segunda parte foi para os jovens «interessados». Estavam bem representadas as diferentes nações, do sul ao norte do mundo, e entre elas alguns gen muçulmanos e outros pertencentes a outras Igrejas cristãs. No programa: aprofundamento de temáticas, testemunhos, muito diálogo, ligações via *skype* com focolares nas periferias do mundo, vida de focolar e momentos «a sós» com Deus. Por fim, uma prenda para todos, uma *performance* entusiasmante do Gen Verde no Polo Lionello: momento de festa que envolveu todos!

O que é que vivemos, o que nos ficou no coração? Talvez o possamos saber através de algumas impressões, mesmo que seja difícil, com palavras, conseguir "abraçar" uma experiência de família, de sobrenatural, de dúvidas partilhadas e resolvidas, de luzes e de medos que temos em comum:

«Experimentei que a Obra é uma família. Isto encorajou-me na estrada que estou a iniciar. Sinto-me livre de arriscar tudo». *Edel*

«Vim como uma folha em branco. Um encontro feito mesmo para mim. Antes de tudo, senti que me devia concentrar em Deus». *Marek*

«Ouvir, com alegria e atenção, o que Deus nos quer fazer compreender sobre o nosso caminho. Sinto o fogo desta escolha, a sensação de estar na estrada certa!». *Tiago*



«Tocou-me muito o relacionamento pessoal que Chiara tinha com cada um - como nos contou a Serenella - e fez-me sentir mais perto de Chiara». *Marie*

«...As dúvidas nunca faltam e uma das mais fortes era: mas entrar no focolar quer dizer fechar-me? Depois, com o vídeo de Chiara na ONU, com o título "Em direção ao *Ut omnes*", percebi que entrar no focolar não quer dizer desaparecer do mundo, pelo contrário, os três vôos servem para se ser livre de conseguir abraçar aqueles Jesus Abandonados do mundo que, de outro modo, nunca conseguiria alcançar». *Mitti*

«Foram particularmente bonitos os skype com os focolares de Morro de Florianópolis e de Istambul, que puseram em evidência os seus desafios em zonas de fronteira. Quero dar a minha vida a Ele e por cada um que me passa ao lado, como fez Jesus Abandonado». *Marco*

«Não me é claro se a minha estrada é o focolar, mas sinto que devo começar a dar passos para perceber a minha vocação». *Felipe*

«Particpei neste encontro por curiosidade. Queria saber em que consiste a vida do focolar e, sobretudo, não queria fechar nenhuma estrada à minha vocação. Foi uma experiência que foi muito para além de qualquer expectativa! Vi sempre o focolar como algo de distante e extraordinário, mas percebi que se vive nele com muita simplicidade. Sinto-me rica». *Maria Roberta*

«Estes dias foram uma forte confirmação da minha escolha. Vivemos muitos momentos celestes! Fomos todos atores e fizemos a expe-

riência de verdadeiro focolar». *Racim*

«Gostei de ver e perceber a grandiosidade da Obra. Posso viver por ela nas pequenas coisas». *Cynthia*

«Parece-me que a vida das focolarinas não requer dotes especiais ou características específicas... talvez seja aquela confiança obstinada no amor de Deus e nos Seus planos que a torna extraordinária ou extraordinariamente normal». *Lidia*

Para o grupo dos jovens, o facto de se ter iniciado o encontro dos «interessados» com uma visita-peregrinação a Assis, - para descobrir o "*humus*" onde afundam as raízes do carisma de Chiara, - foi uma experiência fundamental e



comovente. Por último, foi significativa a impressão de um gen que exprimiu o que todos viveram: «Tocou-me a experiência que fizemos de entrar um no outro, de contemplar a chamada de Deus em cada um».

Para os jovens foi a descoberta da Obra que, na sua beleza, continua a encantar pela sua radicalidade. As suas várias expressões, o seu abraçar o mundo inteiro, a variedade das experiências passadas e presentes, projetam para o futuro uma imagem de vida e de esperança. Chiara revelou que, no coração desta Obra, estão os focolarinos e as focolarinas ao serviço de todos, coração que nunca deixará de bater, com a esperança de conseguir ir até ao fim, porque vivemos todos juntos nesta família sobrenatural.

Cécile Marie Bréchet e Ralf Figgner

Um amor que não acaba

Era muito grande a expectativa num encontro que não se fazia há três anos: o dos “separados” fieis ao sacramento do matrimónio

Chegaram 160, cada um com uma história de abandono, desilusão, raiva, destruição de um programa elaborado para um percurso a dois e depois condenados a uma vida – não escolhida – de solidão. Empobrecidos pelo facto de dever gerir economicamente duas casas. Os pais, com dificuldade de relacionamento com os filhos, quase sempre confiados às mães, que muitas vezes não facilitam o encontro. Pessoas socialmente marginalizadas, porque já ninguém os convida para jantar, para passear, etc. Perseguidos (são palavras deles) pelos parentes, que não admitem que não tenham sido capazes de manter de pé o casamento. Gozados pelos próprios ex, que refizeram a sua vida.

O título do encontro (de 4-7 de abril) era «Um amor que não acaba», e, logo às primeiras palavras, na tarde de sexta-feira, eles, que estão habituados a um amor humano que já não é correspondido, foram levados a fazer uma profunda escolha de Deus, ajudados por dois breves mas intensos textos de Chiara e de testemunhos de outros, também separados.

O apresentador, também ele separado, soube envolver a sala sem necessidade de nenhum artifício.

Os dois temas específicos foram apresentados: o primeiro por Angelo Alessi, psicólogo,

sobre a resiliência, o processo de reelaboração e aceitação do sofrimento para se reencontrar a si mesmos e a capacidade de amar os outros; o outro por Viviana Colonnetti, sobre os novos contextos educativos depois da separação. Foram os dois muito apreciados e suscitaram um diálogo participado e aberto.

O padre Paolo Gentili, director do departamento Família da Conferência Episcopal Italiana, ilustrou com amor a preciosidade da vida de quem escolheu o caminho da fidelidade ao sacramento, muitas vezes vítima de críticas.



Doni Fratta, que durante muitos anos viveu ao lado de Chiara, sabendo como ela tinha no coração os separados, levou-lhes o «seu Crucifixo», o do dia 7 de dezembro 1943, expondo-o no altar durante a Missa. No fim, os 160, acompanhados pelo coro da Mariápolis Romana, puderam oferecer àquele crucifixo, expressão da medida máxima do amor fiel, a própria vida, o próprio «sim».

*Angela Pozzi,
Stefano Serratore*



Comunhão e Direito

Juntos, rumo à fraternidade universal

Em Castel Gandolfo, de 13 a 15 de março, o Seminário promovido pela Comunhão e Direito teve a participação de cerca de 45 pessoas, entre professores universitários, candidatos a doutoramento, estudantes e profissionais, da América, África e Europa

O seminário "Ambiente, legalidade, participação" foi lançado no passado outono, através do site - www.comunionediritto.org - e dos responsáveis locais para a Comunhão e Direito, com o pedido, para quem o desejasse, de propor um contributo pessoal sobre os temas do ambiente. Resultou um espaço aberto de troca de ideias.

Vários relatores estavam pela primeira vez em contacto com Comunhão e Direito. Divididos em cinco sessões, foram aprovados e apresentados 18 trabalhos, tendo em comum o empenho pelo respeito do ambiente, pela tutela da saúde e pela participação ativa de cada um e da coletividade.

Foi de um interesse muito especial o relatório de Armel M. Mouloungui, doutorada em investigação pela Universidade de Leão, que apresentou a situação da gestão das florestas e da participação das populações indígenas do Gabão, e de Ranaivomanana Maminirina Mihaja (Madagascar), que se interessa pela tutela do património marinho e costeiro.

Os muitos e importantes contributos do Brasil sublinharam o esforço para um desenvolvimento sustentável, para as gerações presentes e futuras, à luz de uma cultura que afunda as próprias raízes no princípio da fraternidade.

Foram também muito apreciadas as in-



tervenções relativas à proteção dos trabalhadores e à responsabilidade das empresas.

Sobre a Constituição e a Legislação europeia, houve uma ampla visão que permitiu ancorar o trabalho numa base jurídica forte e dali fazer trabalhos de grupo, em preparação do próximo Congresso internacional, fixado para 13-15 novembro 2015.

A saudação do João Manuel Motta e da Vera Araújo, do Centro do diálogo com a cultura, do Movimento dos Focolares, foi um convite, aceite plenamente, a colaborar com outras realidades do Movimento que se interessam de Ambiente e Ecologia, sobretudo com «EcoOne».

A visita inesperada da Emmaus deu aos participantes um impulso para fazer progredir um trabalho sem esperarem soluções imediatas, mas com a consciência de caminharem juntos para a fraternidade universal.

Os próximos encontros:

- uma *escola de verão*, em Portugal (Mariapolis Arco-iris), 26-29 julho 2014;
- em Roma, vão-se voltar a fazer encontros periódicos, na Sala S. Eustáquio. No nosso site encontrarão mais informações.

Maria Giovanna Rigatelli, Gianni Caso

EcoOne

Um modelo exportável

Passos em frente dos profissionais no campo ambiental.
O evento de Castel Gandolfo assinala um momento de viravolta

EcoOne realizou encontro internacional extraordinário por muitos motivos, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, de 4 a 6 de abril:

Pelo número de participantes (cerca de 90) - quase o dobro do habitual - da Itália, Portugal, Espanha, Reino Unido, França, Bélgica, Suíça, Polónia, Hungria, Estados Unidos, Colômbia, Brasil, Argentina, e Irão.

Pela sua qualidade: quase todos investigadores e profissionais no campo ambiental (entre eles o ex-responsável do Departamento de Tecnologia e o responsável do Departamento Ambiente do ENEA, ente governativo para o desenvolvimento sustentável).

- Pela sua alegria: continuavam a agradecer-nos pelo nível dos conteúdos e a cuidada organização. Alguns mesmo não sendo membros do Movimento, participam ativamente, desde há algum tempo, nas actividades de EcoOne. Outros, completamente novos, foram envolvidos pelo clima do encontro e conquistados pelo carisma de que estava embebido o programa.

- Pela presença juvenil: estudantes de escolas superiores (oportunamente preparados e só para uma parte do programa), estudantes universitários e jovens investigadores. A um destes últimos, atribuímos o prémio «Piero Pasolini», pela qualidade da sua apresentação oral.

- Pelo nível dos diálogos, na sala e nos trabalhos de grupo, que terminaram com a redacção de alguns pontos programáticos para futuros desenvolvimentos.

- Pela ressonância do evento, que se está a repercutir nos *sites* institucionais, italianos, euro-

peus e americanos.

Sem dúvida que a comissão procurou organizar um evento com dignidade científica e cuidada nos detalhes, trabalhando duramente nos últimos dois anos. Mas isso não explica tudo. Creio que Deus abençoou o nosso esforço constante e sincero de ter Jesus no meio, dentro da comissão, e de estabelecer sinergias com diversas realidades da Obra: outras Inundações, Acções Mundo Unido, Jovens por um Mundo Unido, Instituto Universitário Sophia, Nova Humanidade, para não falar do contributo fundamental e silencioso do Centro Mariápolis e do Gabinete de Traduções.

A nossa impressão é que o encontro assinalou um ponto fundamental: o seu *format* está amadurecido, e está na hora de ser exportado - inculturando-o fora da Itália: para isto deu-nos particularmente alegria a confirmação que a Argentina vai ser a sede do próximo Encontro internacional de EcoOne (2016). Também o Brasil deseja convidar-nos para um primeiro encontro de internos e internas que trabalham no campo ambiental (2015) com vista a um futuro Encontro internacional (2018?). Entretanto, os Estados Unidos pensam que a nossa presença seria útil numa «Summer School» e perfila-se um primeiro encontro de internos ecológicos também no Reino Unido.

Luca Fiorani



Sportmeet

Vive o teu desafio

No ano dos Mundiais de futebol, Sportmeet propõe novas reflexões à volta do desporto de alto nível

Valores e críticas da competição no desporto. Foi esta a bússola utilizada pela Sportmeet para orientar os trabalhos do sexto congresso internacional realizado em Tirrenia (Pisa – Itália) de 3 a 6 abril, próximo do Centro de Preparação Olímpica do CONI. Um encontro inspirado nas palavras da Emmaus que, na mensagem de saudação, quis promover um novo estilo de competição: «*Competir, antes de tudo, em amar-se e estimar-se reciprocamente e ver cada conquista, cada vitória, como ocasião para dar e dar-se mais*».

Eram 12 as nações representadas por cerca de 200 participantes, com uma original variedade de paixões e papéis no mundo do desporto, que tem contribuído para pintar um quadro interdisciplinar e cultural de grande importância, à volta do delicado contexto da competição desportiva. Da sociologia à psicologia do desporto, passando pela análise da competição na economia, graças ao contributo do prof. Benedetto Gui, professor ordinário de economia política na Universidade de Pádua, e membro da EdC.

Uma verdadeira riqueza, esta «unidade na diversidade», que já desde a sua fundação, em Loppiano em 2002, Sportmeet tinha percebi-

do: só com o diálogo e o confronto é possível promover uma Nova cultura do desporto.

Sobre o palco montado no ginásio do Centro Olímpico passaram docentes universitários, treinadores, educadores desportivos, psicólogos, ex atletas, autoridades políticas e institucionais do mundo do desporto, como o advogado Nino Saccà, vice-presidente da Federação Italiana Rugby, que quis sublinhar as nobres origens de um desporto «formidável, jogado por gentis-homens», onde todos são importantes para alcançar a meta e manter a bola em movimento.

A estimular o diálogo na sala, tornando a atmosfera entusiasmante, Alessandro Birindelli, ex guarda-redes da Juventus e da Nacional, agora responsável do sector juvenil do Pisa Futebol, que durante uma partida do campeonato principiante (11-12 anos), quis retirar a sua equipa do campo após um litígio entre pais, indo assim ao encontro de uma sanção por parte da Federação de futebol. «Ocasões como esta, oferecida pela Sportmeet – rebateu Birindelli – são muito importantes para quem trabalha no desporto, em particular para perceber se o trabalho quotidiano vai na direção certa. Em Tirrenia deveríamos ser mais dirigentes e jogadores para compreender qual é o verdadeiro sentido do desporto».

Um desporto de alta prestação, onde a vontade de vencer e o medo de perder se tornem duas faces da mesma medalha. No meio, o respeito pelos adversários, a honestidade, a vontade de dizer «não» ao *doping*, num mundo que perdeu a consciência da competição.

Giovanni Bettini





© T. Klamm

Com os pentecostais

«Vocês fazem com que participemos do carisma de Chiara!»

Um encontro para dotar os responsáveis pelo diálogo ecumênico de capacidades de discernimento, tendo em vista as relações que se estão a desenvolver com o mundo pentecostal



© M. Wienken

De 11 a 13 de abril, em Castelgandolfo, reuniram-se 120 representantes da Europa, Coreia e Brasil: pentecostais, reformados, católicos, das Igrejas luterana e ortodoxa.

700 milhões é o número estimado de fiéis, com cerca de trinta e nove mil denominações e com diferentes graus eclesiais. Este foi o panorama apresentado pelo pastor Albert Pataky, presidente das Igrejas pentecostais húngaras, no que diz respeito ao pentecostalismo nos dias de hoje.

Foi feito o percurso da história, do desenvolvimento e da difusão do diversificado mundo pentecostal, com a ajuda de especialistas, entre os quais o Mons. Juan Usma, presidente do Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos, e a Professora Teresa Rossi, membro do Diálogo Internacional entre católicos e pentecostais.

Michelle Moran, presidente do Renovamento Carismático Católico e membro da Comissão de «Juntos pela Europa», traçou um quadro muito interessante das relações ecuménicas entre os carismáticos católicos e as diversas realidades carismático-pentecostais não católicas.

A história envolvente de como nasceu uma comunidade pentecostal foi contada por Udo e Ilona Knöfel, fundadores da Comunidade Jesus Sohland. Encontraram a fé cristã nos di-

ficéis anos da ocupação da Alemanha de Leste pelos soviéticos. Agora trabalham, com bons resultados, no lugar considerado o mais ateu da Europa. Disseram que lá «queremos ser uma pequena célula do corpo místico de Cristo».

As meditações de Chiara Lubich foram potentes e incisivas. A seguir a um vídeo sobre o amor recíproco, uma pessoa católica, espontaneamente, pediu perdão pelos muitos preconceitos que tinha no coração em relação aos pentecostais. Um pastor pentecostal levantou-se, abraçou-a e, citando a primeira carta aos Coríntios, disse que o carisma mais importante é o amor. «O orgulho divide, o amor une... É o Espírito Santo que nos quer unir». Seguiram-se outros pentecostais, entre eles o diretor dos *Jovens com uma missão da Suíça*: «Acredito firmemente que o único caminho dos cristãos em direção à unidade é o amor».

Algumas experiências, vividas no dia a dia, sobre os relacionamentos entre católicos do Movimento e pentecostais, foram encorajadoras.

Estes dias foram muito importantes, quer para os católicos quer para os pentecostais: «Obrigada por partilharem Chiara e a vida do Movimento dos Focolares conosco». Aqui nasceu algo de novo que não vai ficar parado!».

Maria Wienken

Foto pequena em cima.. No centro, o pastor Albert Pataky com D. Karoly Nagy e Dori Fialovsky, da Hungria

Projeto Itália

A educação dos sectores

Em Castel Gandolfo, uma etapa importante do Projeto Itália.

As novas gerações no centro do empenho da escola, da família, das agências educativas



No âmbito do Projeto Itália, lançado há dois anos, começámos a encontrarmo-nos periodicamente também como Sector Educação sobre o tema da «emergência educativa», título que revela a unidade de intenções com a Igreja Italiana. Este ano, uma nova etapa: 12 e 13 de abril em Castel Gandolfo com 35 participantes, das várias Zonas italianas, membros de vários ramos e movimentos (foram estimulantes os contributos do movimento político para a unidade), com Mario Ciabattini e Luisa Gennaro, conselheiros para a Grande Zona da Itália. Todos com a exigência de ser cada vez mais *Obra Una*.

Cada um dos presentes representava a vida de anos e a reflexão amadurecida nas zonas italianas, numa grande pluralidade de experiências educativas, que agora querem encontrar modalidades novas, para serem plenamente partilhadas e levá-las a nível nacional. Cada um sentiu-se investido do papel de «*nó da rede*» deste núcleo operativo do Sector Educação.

Trabalhou-se com paixão e grande com-

petência em três grupos, sobre temas que são o denominador comum de muitos projetos atuais nas zonas: «Cidadania ativa e legalidade»; «Educação para a paz e a solidariedade»; «Educação para os afetos e a sexualidade», temas também traduzidos em breves alocações, feitas por quem adquiriu competências específicas «no campo».

No fim dos dois dias, onde até mesmo os intervalos foram uma outra forma de colóquios produtivos sobre os temas, (é impossível impedir pessoas, que convido a paixão educativa, de falarem sem tréguas deste tema?) delinearam-se algumas linhas guia. Parece-nos que chegou a hora, também porque as instituições civis e eclesiais nos pedem, para apresentar um projeto educativo unitário do Movimento em Itália.

Se é verdade que existimos - e podemos documentar inúmeros projetos com boas práticas educativas, frequentemente em sinergia ou ao serviço de outras entidades (como Chiara nos ensinou e pediu no passado) -, agora é necessário um projeto comum, também para servir como referência para todas as pessoas do Movimento, com uma fisionomia clara, que possa ser reconhecido juridicamente, usufruir de financiamentos e incidir maioritariamente nos nossos territórios. Abriram-se perspectivas concretas para poder agir nas estruturas escolares, e fazer com que a educação para uma cidadania ativa seja proposta de novo nas escolas italianas e se torne realmente um percurso de aprendizagem para adquirir competências relacionais

Jornada em Montet

A reciprocidade utopia experimentada

Um ar de primavera em Montet, no domingo 23 de março, para uma Jornada da Obra com o atraente título: "A reciprocidade, fonte de alegria. Utopia ou realidade?"



e sociais, em função do sucesso formativo.

Elaborámos uma proposta nossa, que continuaremos a trabalhar, com vista a um seminário com alguns deputados da Comissão de Instrução, que decorrerá em setembro próximo. Nos próximos meses continuará o trabalho, a nível do projeto para se chegar a uma proposta unitária ao «nível da Itália», com percursos diferenciados de atuação.

Trabalharemos para que estas atividades, na escola e nos territórios, determinem o acesso a créditos de formação (para professores e alunos) e para se obter um reconhecimento ministerial às «escolas virtuosas», que vão contribuir para formar as novas gerações para a fraternidade.

Deixámo-nos com uma discreta pilha de «trabalhos de casa» e com encontro marcado para o dia 10 de maio, em Roma, com o Papa e até à próxima edição do Loppiano Lab.

Patrizia Bertoncello

Uma centena de pessoas juntou-se aos habitantes da Mariápolis Foco para, juntos, encontrarem elementos de resposta a esta questão, através de momentos de reflexão e de experiências na sala, workshops sobre o tema da reciprocidade vivida nos vários âmbitos, um jogo e um saboroso "picnic canadiano", para o qual cada um dos participantes contribuiu. *É possível hoje, na sociedade suíça, cuidar da qualidade dos relacionamentos quotidianos?* Um senhor de

cinquenta anos empenhou-se publicamente, no fim da jornada, enquanto que uma senhora acrescentou que a reciprocidade vivida faz com que se respire o ar do Paraíso.

Com esta jornada sentimos que vivemos o desafio que a Emaús nos lançou no verão passado: irradiar, para fora da Cidadela, a vida do Evangelho juntamente com as pessoas do Movimento nas regiões próximas de Montet. Experimentou-se que o amor recíproco não é uma utopia, mas é verdadeiramente fonte de alegria para nós e para todos. As impressões confirmam-no: "A descoberta da reciprocidade como fonte criadora de unidade e como carisma de cura para o nosso mundo despedaçado"; "Senti realmente o desejo de viver esta reciprocidade à minha volta, e em especial no que diz respeito à política migratória"; "O tema apaixonou-me. Boa música, belos diálogos, muita vida... sinto que faço parte da família.

Denise Roth e Robert Chadourne

Gen Verde

START NOW

Um novo espetáculo
e uma banda musical renovada. Nos
bastidores de um projeto dirigido
especialmente aos jovens

e quem sabe aonde vai chegar!

Um novo espetáculo, um novo album intitulado *Made To Be Played*, um novo projeto feito propositadamente para os jovens: START NOW. Totalmente da autoria do Gen Verde.

Neste momento somos 21, de 13 nações e, ao pensarmos no trabalho que, no último ano, realizámos todas juntas, o que mais veio em evidência foi a determinação de querermos dar a vida de um modo totalitário. Interrogámo-nos: o que queremos transmitir com as nossas canções, danças, peças de teatro, concertos? É verdade que o objetivo é sempre o «*Ut omnes*», mas como é que o podemos transmitir a muita gente, a todos? A quem em especial? Concentrámo-nos nos jovens, eles que são o termómetro mais eficaz para se perceber para onde é que o mundo está a ir.

Procurámos novas linguagens musicais, novos visuais e representações teatrais mais apropriadas para poder chegar até eles e fazermos compreender. Seguimos uma escola de atualização profissional, no âmbito de várias disciplinas artísticas, com professores profissio-

nais. Mas, de entre os encontros para nós mais significativos, salientámos os momentos de diálogo aberto e profundo com raparigas e rapazes de várias partes do mundo, que convidámos para virem ter conosco, a Loppiano. E também com os que fomos encontrando nas cidades onde fizemos espetáculos. Perguntámos-lhes: quais são as temáticas que mais vos preocupam, que não vos deixam dormir? Quais são os problemas da vossa corrida diária entre casa, escola e amigos? O que é que gostam mais de ver num espetáculo? E como um rio, na maré cheia, respondiam: «Eu preocupo-me com os direitos humanos», «Eu gostava de ter exemplos de adultos creíveis, de modelos sinceros», «Eu penso que nos espetáculos é preciso representar aquilo com que se sonha, aquilo que se quer fazer na vida. Por isso, tem que se transmitir a vida aos outros, dá-la a conhecer», «Queremos exemplos de vida vivida, para que haja um impacto mais forte do que a teoria; deste modo, as pessoas acreditam», «Estou inseguro, tenho vontade de mudar, mas preciso de alguma coisa que me dê coragem. Faltam-me bases sólidas para escolher».





Foi a partir daqui que surgiu a inspiração para as nossas novas músicas.

Outra etapa fundamental foi a viagem à Terra Santa. No ano passado, em Haifa, Belém e Nazaré, encontrámo-nos com rapazes e raparigas muçulmanos, cristãos e hebreus, muitas vezes no mesmo grupo de trabalho. Os *workshop* multidisciplinares foram uma oportunidade para lançar desafios de diálogo, de partilha, de igual para igual. Descobrimos as disciplinas artísticas como um instrumento privilegiado para comunicar o nosso Ideal, sem usar muitas palavras. Uma rapariga árabe-cristã, no fim do trabalho, com os olhos a brilhar, disse que nunca tinha pensado que alguma vez faria uma atividade com um hebreu, e que tinha descoberto que foi novo para ela conhecer as qualidades e os talentos dele. Através destas oficinas com os jovens, aquilo em que acreditamos toma forma e outras pessoas podem também vir a descobri-lo. Por isto nasceu START NOW. O nosso projeto consiste na realização de *workshops* de canto, dança, percussão e teatro, que finalizam no palco onde, em alguns momentos do espetáculo, os jovens se exibem conosco.

Um destes jovens disse: «Aqui no palco sinto-me outro, livre de me exprimir, diferente». E um companheiro dele respondeu-lhe: «olha que tu podes ser assim todos os dias, ou melhor, tu és assim». Um outro: «Inscrevi-me no teatro a pensar que "seria fácil". Mas, pelo contrário, isto exigiu que eu fosse ao fundo da minha alma, descobrisse as coisas menos claras, e envolvesse os meus pensamentos e as minhas forças físicas. Lançando uma mensagem conjunta, em que cada um mantém as suas características específicas, é possível».

Apresentámos START NOW também durante a nossa última *tournee*, em Espanha. Uma rapariga de Granada disse: «Ter vivido estes dias

convosco mudou a minha vida. Agora estou convencida que tenho de lutar por aquilo que quero, por aquilo que realmente me interessa, vencendo todos os obstáculos que encontro pelo caminho. Tenho vontade de me tornar melhor, de sorrir cada vez mais e de pedir perdão, sempre que magoar alguém». E outra ainda: «Vocês do Gen Verde são felizes, eu, ao olhar para vocês encontrei o meu caminho».

Um sacerdote disse-nos: «Vocês conseguem colocar em evidência o melhor de todos... dos jo-



vens, de nós, os adultos». A experiência da vida de unidade, da qual nasce cada ideia e cada realização do nosso repertório, faz-nos descobrir repetidamente o quanto o Carisma de Chiara é fonte inesgotável de esperança, plataforma continua de relacionamentos verdadeiros, que dão coragem para escolher, para mudar, para se comprometer. Uma religiosa: «mesmo que possa custar "lágrimas e cansaço" (citando uma das nossas novas canções: Cultiva a paz)... encontrar em vocês esta verdade não escondida, mas assumida com força e responsabilidade e ver que daqui nasce a verdadeira alegria... fez-me bem». E um dos professores das escolas em que estivemos em Espanha: «Estes rapazes descobriram que a vida deles é importante». Esta descoberta deles é diretamente proporcional à nossa alegria de correr em direção a todos, sem descanso. Se ficarem atentos ao nosso site na internet, encontrarão todas as notícias: as datas e as notícias sobre os nossos encontros à volta do mundo. Permanecemos em contacto!

www.genverde.it

Alessandra Pasquali

Vida em comunidade

Festa na Cidadela Victória

A Cidadela da Costa do Marfim recebe o encontro dos delegados da África



Os habitantes da Cidadela, com a comunidade *yacouba* de Man, numa atmosfera de grande alegria, acolheram no dia 23 de março passado os Delegados da Obra em África e Madagáscar. É a primeira vez na história da Obra que uma tal delegação visita esta Cidadela, nascida em 1992.

Muito mais conhecidas são de facto as outras duas Cidades africanas: a Mariápolis Maria May, em Fontem, coração do início do Ideal em África; a Mariápolis Piero, em Nairobi, sede da escola da inculturação e de diversos encontros pan-africanos.

O encontro iniciou a 24 e concluiu-se a 30 de março de 2014, com toda a comunidade, estando presentes também as delegações vindas das várias aldeias.

Uma semana intensa, onde se olhou juntos para os desafios que o grande continente apresenta, e sobretudo se renovou e reforçou a unidade entre todos, para se ser testemunhos creíveis da dádiva recebida: o carisma da unidade.

Dedicou-se um dia à visita às várias realidades sociais e às empresazinhas presentes na Cidadela. Para todos era um espanto continuo ver como, em ponto pequeno, a

Cidadela está completa. e aquilo que tocou todos foi vê-la aberta sobre o bairro. Há um pulular de pessoas que, desde a manhã, a atravessam: as crianças que se dirigem para a escola ao lado; o desfile das mães com as suas colheitas dos campos; o Centro Médico, que atende diariamente sessenta ou mais doentes; a tipografia; o Centro informático... Cada realidade está ao serviço da população e a impressão dos Delegados foi: uma Cidadela que vive para...

A comunidade, ao festejar a presença dos Conselheiros e Delegados, revelou a sua maturidade. Vinham em luz os valores da cultura e do acolhimento, reservados às personalidades.

O bispo de Man, mons. Gaspard Béby Gnéba, quis vir um dia celebrar a Missa e partilhar com eles o jantar. Disse: «A vossa presença testemunha a universalidade da Igreja».

Para nós foi redescobrir a Cidadela com novos olhos: vê-la no seu desígnio, com uma grande potencialidade de irradiação.

Pino Fiorucci, Vitoria Franciscatti



Margaret Pawley

Uma apaixonada pela unidade



Margaret Pawley com Chiara, em maio de 2003, em Berlim

No dia 28 fevereiro, a Margaret voltou à casa do Pai. Era uma amiga muito estimada por Chiara Lubich e pelo Movimento. Era esposa do rev. Bernard Pawley – canônico da Igreja de Inglaterra – que em maio de 1961 se encontrou com Chiara, reconhecendo na sua espiritualidade «uma fonte de água viva que brotava do Evangelho». Convencido de que o papel do Movimento dos Focolares era ser uma «ponte» sobre a qual anglicanos e católicos se podiam encontrar, o canônico Pawley empenhou-se, juntamente com a Margaret, em dá-lo a conhecer.

Conheceram-se em Oxford, onde ela estudava História. Nos anos 50, acompanhou-o a Itália, porque ele tinha sido convidado, juntamente com outros sacerdotes anglicanos, pelo então arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini (futuro Papa Paulo VI), para aprofundar o conhecimento de pontos de vista recíprocos. O canônico Pawley foi um dos observadores do Concílio Vaticano II. Durante este período passado em Roma, o apartamento deles tornou-se ponto de encontro dos observadores do Vaticano II e também de Cardeais, Bispos e outros dignatários. Se chegavam mais pessoas do que o previsto para o almoço, Margaret dava-lhes gentilmente as boas-vindas e, discretamente, reorganizava as quantidades das refeições. Foi precisamente numa destas ocasiões que ela e Bernard se encontraram com Chiara.

Muitas das primeiras visitas de Chiara a Inglaterra devem-se ao trabalho e aos contactos ecumênicos do rev. Bernard Pawley. A casa deles,

Grottaferrata, abril de 1962. A partir da esquerda: o p. Pasquale Foresi, Igino Giordani, o canônico Bernard Pawley, Margaret Pawley, Chiara Lubich e Eli Folonari.

em Canterbury, estava sempre aberta para ela e para os focolarinos: quantas conversas importantes tiveram lugar na sua sala de visitas!

A Margaret era muitas vezes convidada a falar da sua experiência sobre a relação entre católicos-romanos e anglicanos. Fez também várias intervenções no Centro Anglicano, em Roma. Ela e Bernard escreveram o livro: «Roma e Canterbury ao longo de quatro séculos» (editado em 1974 e revisto em 1981). Em reconhecimento pelo seu trabalho em prol da Igreja anglicana, recebeu a Cruz de S. Agostinho, a mais alta condecoração da Igreja de Inglaterra.

Em 1980, quando tiveram início as primeiras Escolas Ecumênicas do Movimento, em Inglaterra, Margaret apoiou-as e foi conselheira do grupo de estudo que se reunia três ou quatro vezes por ano, para preparar os temas. A sua paixão pela unidade, complementada por uma inteligência perspicaz e um conhecimento extraordinário da história de Inglaterra, animavam e inspiravam os debates.

Foi uma construtora, de perfil profético, do ecumenismo do povo seguidor de Chiara, uma pessoa que acreditava no «diálogo da vida». Foi um privilégio para nós tê-la conhecido.

Lesley Ellison



Fon de Fontem Lukas Njifua

Fiel ao pacto com Chiara



O Fon Lukas no Centro da Obra, no dia 26 de setembro de 2000

No dia 2 de abril, o Fon de Fontem, Lukas Njifua, deixou-nos inesperadamente devido a uma embolia pulmonar. Encontrava-se em Yaoundé, capital dos Camarões, onde desde há alguns meses trabalhava ao serviço do Estado. Ex-presidente da Conferência de Chefes do Sudoeste, tinha sido nomeado Senador recentemente.

A notícia foi recebida com profunda surpresa e sofrimento por toda a população. Também a Emmaus endereçou a Fontem as mais sinceras condolências e assegurou as suas orações, assim como de todo o Movimento dos Focolares.

Como não recordar o histórico encontro entre o Fon Lucas - que recebeu a herança do pai, Fon Defang - e Chiara, em maio de 2000, quando, na esplanada do Palácio Real de Azi, lhe confereu o título de *Mafua Ndem* = «*Rainha enviada do Céu*»? Chiara, naquele momento, convidou todos a fazerem um «pacto de amor recíproco forte e vinculativo» no qual se empenhavam - dizia - «a viver sempre em plena paz entre nós e a recompô-la sempre que for quebrada». Chiara convidou o Fon Lucas a fazer o mesmo pacto com o Fon di Fonjemetaw, para que fosse «o ponto de partida para atrair outros povos a unirem-se a este espírito». Surgiu daí o projeto da Nova Evangelização, confiado

primeiramente aos dois Fon «gémeos», como foram intitulados naquela ocasião. A partir daquele momento, iniciou-se uma estreita correspondência entre Chiara e o Fon Lukas, que a mantinha informada sobre todos os encontros e sobre os desenvolvimentos e efeitos que este projeto estava a ter em todo o povo.

Em 2001, foi-lhe atribuído o «Prémio Luminosa» e Lukas Njifua, no discurso na Cidadela, entre outras coisas, disse: «Nós preferimos ficar sem comer do que ficar sem os encontros da Nova Evangelização. Os frutos são tantos que pedimos a Deus que seja possível ao mundo inteiro partilhar conosco esta experiência».

Em março de 2008, ao receber a notícia da partida de Chiara para o Paraíso, sem hesitar, com o Fon di Fonjemetaw, partiram para Roma, tendo obtido o visto em tempo "relâmpago". Foi também um dos principais animadores na preparação do *cry die* de Mafua Ndem, em janeiro de 2009, um evento desejado, por unanimidade, pela população Bangwa.

Nos últimos anos, os seus compromissos políticos faziam com que estivesse longe de Fontem por longos períodos, mas estava sempre em contacto com os focolarinos.

Estamos-lhe muito gratos por ter acompanhado e apoiado o trabalho dos Focolares em Fontem. Temos a certeza que continuará a interceder para que o amor reine entre o seu povo e para que, como Chiara disse no ano 2000, «também no futuro a vocação de Fontem seja a da "cidade sobre o monte", para que todos a possam ver, admirar e imitar».

Winnie Nwafor, Frantisek Slavicek



O Fon Lukas a receber o Prémio Luminosa em 2001

p. Giovanni Sansone, crl

Apóstolo da unidade

Partiu para o Céu durante a noite de 5 para 6 de janeiro, dia da Epifania, com 84 anos de idade, sozinho, como se não quisesse perturbar quem estava a descansar.

Nascido em Nápoles, numa família numerosa e abastada, o P. Giovanni sentiu a vocação religiosa como uma entrega concreta quando, depois da segunda guerra mundial, os enormes escombros materiais e morais da sua cidade impunham com urgência a reconstrução. Em junho de 2004, por altura do seu 50º aniversário de sacerdócio, escreveu a Chiara, recordando o seu encontro com o Ideal, em 1954: «... Tinha 24 anos. Fui para a Comunidade de Sta. Inês, na Rua Nomentana, em Roma. Pouquíssimo tempo depois, encontrei dois focolarinos, Lucio Dal Soglio e Pino Trova... Foi uma chuva ininterrupta de graças, quase uma "perseguição" do amor de Maria que não desistia, olhando por mim como uma mãe... até conhecer o p. Silvano Cola e o P. Novo, e a Obra, como a minha pátria, a minha família. Para sempre. Por causa do confronto entre duas vocações, o receio inicial dissipou-se quando descobri, com muita alegria, o único desígnio de ser... apóstolo da unidade naquele pedacinho de Igreja onde eu devia estar, mas sobretudo pelo "ut omnes"».

Com muita profundidade espiritual, na comunidade da Obra em Nápoles, foi uma presença entre os religiosos da zona, no ministério sacerdotal ao longo de mais de meio século, nos cargos de responsabilidade da congregação dos Canónicos Regulares Lateranenses, à qual pertencia, e na incessante dedicação na paróquia de Piedigrotta.

«Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne (Ez 36, 26), foi a Palavra de vida que recebeu de Chiara e que exprimia o modo como o P. Giovanni se relacionava com as pessoas. Tinha uma personalidade forte, uma bondade muito



especial, sempre pronto a escutar e a dirigir as palavras que cada coração precisava de ouvir. Era, por isso, muito considerado por toda a gente, especialmente pelos jovens.

Uma focolarina que o conhecia desde os anos 60 escreveu: «Era um homem de Deus. E isso fez com que, nos momentos de dúvida e de escuridão, nos sentíssemos impelidos a ir ter com ele, que sabia acolher cada um.

Com humildade e com o seu modo de ser, silencioso e discreto, o P. Giovanni, com a sua sabedoria, com o seu amor e fidelidade a Deus, chegou a muitas periferias existenciais. Ele atraía e levava muita gente até si, porque nele, como diz Isaías, resplandecia o Senhor. Uma conversa com ele, tornava-se vida».

Bruno Cantamessa

Maria do Carmo Sousa

«Só Ele nos ajuda a vencer»

A Maria do Carmo foi a primeira voluntária da sua cidadezinha, Torres Novas.

Educada nos valores cristãos, tinha um grande amor por Deus e pela Igreja. Começou a trabalhar ainda muito nova. Casou-se e, com o Cândido, o seu marido, procuraram dar aos filhos o Amor e a Fé. Conheceu o Movimento através dos filhos mais velhos - duas das suas filhas são focolarinas - e participou, em 1973, na sua primeira Mariápolis, onde encontrou uma espiritualidade que satisfazia todas as suas aspirações. Começou a dar vida à pequena comunidade que nascia na sua cidade e, enquanto pôde, distribuiu pessoalmente a Palavra de vida.

Era discreta, alegre e de uma grande simplicidade. Criava com facilidade um clima de família com todos e dava muito valor aos relacionamentos pessoais. Tinha um grande amor pelos jovens, a sua casa estava sempre aberta. Na simplicidade da vida quotidiana, na família, na paróquia, trans-



mitia em toda a parte a sua união com Deus.

Não cessava de Lhe agradecer, porque Chiara tinha-Lhe ensinado a abrir o coração e a amar concretamente. Passou por muitos sofrimentos, até a morte do filho mais velho. No amor a Jesus Abandonado e a Maria encontrou a força. Procurava construir a concórdia com todos, sobretudo na família, ajudando a

vencer os momentos difíceis.

Escreveu a uma das filhas: «Que Deus te dê um grande amor a Jesus, porque só Ele nos ajuda a vencer as lutas desta vida». O seu sorriso e o brilho dos olhos eram o espelho da sua alma. Partiu serenamente, com 92 anos, no dia 20 de fevereiro. Naquela manhã tinha pedido a Jesus que a viesse buscar.

M. Teresa Guedes

Paolo Paolucci

Justo, em sentido bíblico

O Paolo deixou-nos a 26 de fevereiro, com 64 anos de idade. Sendo empenhado de Famílias Novas, deu com a mulher, Beatrice, um testemunho de fé, de doação recíproca ao próximo e à Igreja.

Casaram em 1977 e, em 2008, ele próprio escreveu sobre a sua vida, ao preparar-se para seguir o caminho de diácono permanente. Continuou a sua biografia no plural «porque tudo o que faço é compartilhado intimamente com a Beatrice». Em Jesi «conhecemos o Movimento dos Focolares, onde o irmão é Jesus para amar».

Com os filhos, Carlo e Mauro, fixaram residência em Cava de Tirreni (zona de Nápoles), onde o Paolo foi empregado administrativo numa fábrica de papel e, a partir de 1999, numa empresa de cerâmica. Ele próprio contou: «Esforçamo-nos por viver e fazer crescer na nossa cidade a espiritualidade da unidade... sentimos que a fé não é uma questão pessoal, mas que deve ser vivida em comunidade». Dedicavam-se com entusiasmo aos cursos de preparação para o matrimónio e participavam nas atividades da Pastoral da Família. «Porque - dizia - acreditamos firmemente que a unidade da família está na base de todas as outras ações... e que a Igreja deve ser uma família de famílias. [...] Em 2005, quando já me preparava para passar tranquilamente os meus últimos anos de trabalho, a vida reservou-me uma surpresa pouco agradável. Apareceu-me um tumor num rim. Procurámos compreender, à luz da fé, o que é que o Senhor nos queria dizer com esta nova prova». E ainda: «Da minha doença retiro efeitos inimagináveis: uma



relação renovada com a minha família de origem, em que a unidade entre todos foi reforçada; uma união conjugal reconfirmada com a Beatrice, experimentando concretamente aquilo que um dia prometemos no sacramento do matrimónio (fiéis na alegria e na tristeza), um reencontro com irmãos necessitados que estão próximos de nós. Tudo isto é o cêntuplo que o Senhor nos prometeu sempre».

O médico que o tratou, escreveu no jornal da diocese - «Fermento» - que sempre admirou Paolo por causa da «sua fé sempre silenciosa, sempre discreta, sempre convincente, sempre testemunhada... era um homem justo, no sentido bíblico...» A Palavra de vida que Chiara lhe deu foi: «Eis que venho para fazer a Tua vontade» (Eb, 10,9).

Bruno Cantamessa

Elena Veca

Uma família Igreja

A Elena partiu para o céu no fim de dezembro de 2013. Conheceu a espiritualidade em Scicli, na Sicília, juntamente com o marido, Gaetano, em 1967, quando, por motivos de trabalho, se mudaram para lá. Decorria o ano de fundação do Movimento Famílias Novas. Foram dos primeiros a lançarem-se nesta nova aventura, à qual permaneceram fiéis durante toda a vida. Em 1972, mudaram-se para a Catânia, e, em contacto com o focolar, levaram a vida do Evangelho às famílias da região, tornando-se ponto de referência para muita gente. «Comove-nos ainda a fidelidade deles à comunhão de bens». São numerosas as famílias que testemunham o amor que receberam da Elena: «Estava sempre pronta a

Ellen Zaldarriaga

«Aquilo que não conseguimos ser, é assumido por Jesus»

A Ellen, voluntária de Manila (Filipinas), voltou à casa do Pai no dia 21 de novembro de 2013, com 70 anos de idade. Era casada, tinha três filhos e conheceu o Ideal em 1984.

Foi professora durante muitos anos. Os pais dos alunos chamavam-na «realizadora de milagres», porque conseguia suscitar nas crianças, mesmo nas menos motivadas, a alegria de ir à escola e de aprender. A Palavra de vida que recebeu de Chiara «A tua Palavra, Senhor, é farol para os meus passos e luz para o meu caminho» [cfr Sal 119 (118), 105] ajudou-a a ser uma



testemunha do Evangelho.

No núcleo, seguia todas as voluntárias como uma mãe. Prudente, pontual, muito arrumada e organizada, contribuía para que os encontros fossem profundos e muito tranquilos. Quando lhe foi diagnosticada uma doença incurável, depois do choque inicial, demonstrou uma tranquilidade e uma paz extraordinárias. A Ellen abraçou Jesus Abandonado e abandonou-se à vontade do Pai, enfrentando tratamentos muito dolorosos. A oração de sua autoria: «Toma este jugo e eu seguir-Te-ei até onde me conduzires», foi o seu amparo, juntamente com a unidade da família da Obra. Nos dois anos nos quais a doença parecia debelada, a Ellen voltou a trabalhar no ensino, levando o amor de Deus a todos os que estavam à sua volta. Quando as condições de saúde lho permitiam, participava nos encontros e a sua presença era uma verdadeira dádiva. No último, confidenciou: «Agora percebo aquilo que somos, o que é importante. É importante aquilo que não somos porque Jesus assume tudo... E já não somos nós».

Miranda Jansen

escutar, a acolher e a fazer seus os sofrimentos dos outros. Tinha a caridade de que fala S. Paulo, que "tudo crê, tudo espera, tudo suporta...". «A Elena era como "o telefone amigo" para muitos de nós, quando falava transmitia paz. Oferecia-nos sempre o seu profundo amor e gratidão por Chiara e a sua relação íntima com Deus». Nos últimos tempos, apesar de doente, quando recebeu a notícia da doença de uma rapariga e do seu pai, telefonava-lhes com regularidade, mesmo nos últimos dias da sua vida. Até há poucos anos, com o marido, organizava os encontros de preparação para o matrimónio, testemunhando o vigor do amor num casamento vivido cristãmente. A Elena passou por enormes sofrimentos enviados por Deus, transformando-os em momentos para amar. Na morte da filha Rosetta, disse: «É Deus que me ensina a viver o momento presente: se estou fora não resisto; estou a perceber o que quer dizer estar apenas na vontade de Deus no momento presente». Uma pessoa que conheceu a Elena e o Gaetano testemunhou: «Olhando para eles, vejo a realização das palavras de João Paulo II: "Família, torna-te aquilo que és" e penso numa família Igreja, aberta».

Marcella Calascibetta

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: o pai de **Juliana de Castro Fonseca**, focolarina em Brasília; **Maria Gertrudes**, mãe de **Odete (Luce) Subtil Correia** e **Maria de Matos**, mãe de **Emília (Mila) Martins**, focolarinas na Mariápolis Arco-iris (Portugal); a mãe de **Antonio Cocoluto**, focolarino em Loppiano e **Maria**, mãe de **Hung-Lau Kwok John**, focolarino em Loppiano; **Rosanna**, irmã de **Alfonso Di Nicola**, focolarino na Mariápolis Romana; **Ir. Monica**, irmã de **Maddalena Schilgen** e **Agnese**, irmã de **Margaret (Callove) Tam**, focolarinas na Mariápolis romana; **Maria Felícia**, mãe de **Rosa Mafalda**, focolarina em Bari; **Helena**, mãe de **Marjeta Bobnar**, focolarina em Vancouver (Canadá); **Roswita**, mãe de **Stefanie Wintergerste**, focolarina casada da Suíça.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Junho de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Viva o 1 de maio!



A cidadela arco-íris esteve em festa no dia 1 de maio!

Depois de uma intensa preparação em equipa, com os gen, os jovens por um mundo unido e toda a família da Obra, viveu-se uma histórica jornada com mais de 1200 jovens de todo o país. Outros seguiram por streaming.

Os jovens foram recebidos alegremente pela banda filarmónica da terra e cerca de 20 grupos com vários tipos de animação (entre os quais um grupo de Cabo Verde que dançava e tocava, outro de Judo e outro que tocava gamelão).

Além do programa debaixo de duas grandes tendas, houve foruns e work-shops sob várias temáticas e uma "Expo da Fraternidade", com a participação de 35 associações que, com títulos diferentes, partilharam a ideia de construir um mundo unido.

O desafio era "agarrar o mundo", construindo a fraternidade onde se estiver. Pareceu-nos que foi aceite: o 1 de maio vai continuar pelas ruas das nossas cidades e por esse mundo fora!



Só algumas das muitas impressões:

«Este encontro foi a minha 1ª experiência com os Jovens por um Mundo Unido. Fiquei fascinada com este espírito de partilha, de ajuda recíproca, de amor verdadeiro, que tive

a possibilidade de conhecer e viver neste dia. Gostei de ver jovens tão ativos e com uma energia contagiante. Ganhei uma vida nova! Obrigada!» 23 anos

«Obrigada por me darem um outro olhar sobre o mundo. Mudá-lo depende de mim, do



amor que sou capaz de dar e de gerar à minha volta. Até a política e a economia podem mudar, se nos metermos a sério! Que descobrir-ta!!» 20 anos

«Muito animado e interessante! Ajudou-me a pensar mais nos outros e a dar valor aos pequenos gestos que fazem o meu dia.» 15 anos

«Mudar o mundo depende de nós: é a certeza mais forte que levo comigo!» 19 anos

«Percebi que Deus pode entrar no meu dia-a-dia.» 19 anos

«A união e energia que me transmitiram, vai-se refletir nas minhas atitudes, a partir de agora.» 18 anos

